

MAR GEM ES QUER DA

REVISTA DA BOITEMPO

26 1º SEMESTRE, 2016



Copyright © Boitempo Editorial, 2016
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 26

Editora

Ivana Jinkings

Editora-assistente

Thaís Burani

Editor de imagens

Sergio Romagnolo

Editor de poesia

Flávio Aguiar

Revisão

Clara Altenfelder

Capa

Natasha Weissenborn e Artur Renzo

Imagens do miolo e da capa

Francisco Klíngler Carvalho, Redenvous (2009), Variation: Mannheim Kopie (s/d), Deus lhe pague (2002), Expedição: Pontal (2004), O jogo só termina quando a última obra entra (s/d), Reverência: barroco decaído (2005), Entre duas cadeiras (1998), Amazonas: de Manaus a Óbidos (2013), Entre duas margens (1997), Mesa impossibilitada de reunião (2000-2013) e A grade: quando Mondrian visitou a América Latina (2009).

Projeto gráfico e diagramação

Antonio Kehl

Produção

Livia Campos

Impressão e acabamento

Intergraf

ISSN 1678-7684

número 26: maio de 2016

É vedada a reprodução de qualquer parte
desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho

CEP 05442-000 São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br | www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo | www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/tvboitempo

Sumário

| | |
|---|-----|
| Apresentação..... | 9 |
| <i>IVANA JINKINGS</i> | |
| ENTREVISTA | |
| Paul Singer..... | 11 |
| <i>PAULO DOUGLAS BARSOTTI e LUIZ BERNARDO PERICÁS</i> | |
| DOSSIÊ: IMIGRAÇÃO E XENOFOBIA | |
| O espetáculo do terrorismo de grandes proporções..... | 27 |
| <i>ROBERTO MASSARI</i> | |
| Mobilidade humana na era da “guerra ao terror”..... | 34 |
| <i>ANA LUISA ZAGO DE MORAES</i> | |
| O “Estado Islâmico” e seus assemelhados..... | 40 |
| <i>OSVALDO COGGIOLA</i> | |
| ARTIGOS | |
| A desmaterialização da realidade: recursos do pensamento social..... | 57 |
| <i>CELSO FREDERICO</i> | |
| Fim da Nova República? | 76 |
| <i>CARLOS EDUARDO MARTINS</i> | |
| “O golpe de martelo da revolução”: a crítica da democracia burguesa em Rosa Luxemburgo | 88 |
| <i>MICHAEL LÖWY</i> | |
| Bernstein e a revisão do marxismo | 102 |
| <i>LEANDRO GALASTRI</i> | |

| | |
|--|-----|
| A crítica do Estado no pensamento de István Mészáros: notas para uma aproximação | 118 |
| <i>DEMÉTRIO CHEROBINI</i> | |

MEMÓRIA

| | |
|---------------------------------|-----|
| Massacre da Lapa, 40 anos | 131 |
| <i>VLADIMIR POMAR</i> | |

CLÁSSICO

| | |
|---|-----|
| Apresentação – Marxismo e terrorismo | 137 |
| <i>ALEXANDRE LINARES</i> | |
| Por que os marxistas se opõem ao terrorismo individual? | 138 |
| <i>LEON TROTSKI</i> | |

HOMENAGEM

| | |
|---|-----|
| Umberto Eco, um espírito inquieto | 143 |
| <i>ANTONIO CARLOS MAZZEO</i> | |

RESENHA

| | |
|---|-----|
| Uma radiografia marxista do Estado e do direito | 147 |
| <i>LUIZ ISMAEL PEREIRA E JONATHAN ERIK VON ERKERT</i> | |

NOTAS DE LEITURA

| | |
|--|-----|
| <i>Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro</i> | 151 |
| <i>MILTON PINHEIRO</i> | |
| <i>Por Marx</i> | 153 |
| <i>PEDRO EDUARDO ZINI DAVOGLIO</i> | |
| <i>Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica e Dilma Rousseff e o ódio político</i> | 154 |
| <i>KIM WILHEIM DORIA</i> | |

POESIA

| | |
|--|-----|
| Apresentação – A diáspora dos curdos | 158 |
| <i>FLÁVIO AGUIAR</i> | |
| Exílio | 159 |
| <i>ABDULLA PASHEW</i> | |

Comitê de redação deste número

Alysson Leandro Mascaro • Flávio Aguiar • Ivana Jinkings •
Luiz Bernardo Pericás • Paulo Douglas Barsotti • Sergio Romagnolo

Conselho editorial

Afrânio Mendes Catani • Boaventura de Sousa Santos • Carlos Nelson
Coutinho (*in memoriam*) • Emília Viotti da Costa • Emir Sader • Francisco
de Oliveira • Heloísa Fernandes • István Mészáros • Jacob Gorender (*in
memoriam*) • João Alexandre Peschanski • José Paulo Netto • Leandro
Konder (*in memoriam*) • Maria Lygia Quartim de Moraes • Maria Orlanda
Pinassi • Maurício Golçalves • Michael Löwy • Miguel Urbano Rodrigues
• Paulo Arantes • Ricardo Antunes • Roberto Schwarz • Slavoj Žižek

Conselho de colaboradores

Alexandre Linares • Angélica Lovatto • Antonino Infranca • Antonio Carlos
Mazzeo • Antônio Ozaí da Silva • Antonio Rago • Artur Renzo • Bibiana
Leme • Caio Antunes • Canrobert Costa Neto • Carla Ferreira • Carlos
Eduardo Martins • Carlos Serrano Ferreira • Clarisse Castilhos • Claudia
Mazzei Nogueira • Edilson Gracioli • Fabio Mascaro Querido • Fernando
Coltro Antunes • Fernando Marcelino • Gaudêncio Frigotto • Geraldo
Augusto Pinto • Gilberto Maringoni • Henrique Amorim • Isabella Jinkings
• Isabella Marcatti • Isleide Fontenelle • Jair Pinheiro • Jesus Ranieri • João
dos Reis Silva Jr. • João Sette Whitaker • Jorge Grespan • José Luís Fiori •
Kim Wilhelm Doria • Liliana Segnini • Lincoln Secco • Luciano Vasapollo
• Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida • Marcelo Ridenti • Marco Aurélio
Santana • Maria Lúcia Barroco • Mario Duayer • Mathias Luce • Milton
Pinheiro • Nélio Schneider • Otilia Arantes • Paula Marcelino • Paulo
Denisar Fraga • Plínio de Arruda Sampaio Jr. • Roberto Leher • Rodrigo
Castelo • Ronaldo Gaspar • Ruy Braga • Silvio Almeida • Sofia Manzano
• Thaisa Burani • Virgínia Fontes • Wolfgang Leo Maar

contato: margemesquerda@boitempoeditorial.com.br



Colaboradores desta edição

- ABDULLA PASHIEW, poeta curdo reconhecido internacionalmente, vive exilado na Finlândia desde 1995. É formado em pedagogia e filologia e atua também como tradutor.
- ALEXANDRE LINARES é cientista social, editor, professor e colaborador do jornal *O Trabalhador*, do PT.
- ANA LUISA ZAGO DE MORAES é mestre e doutoranda em ciências criminais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e defensora pública federal.
- ANNA BONIZZI é formada em economia pela Università Commerciale Luigi Bocconi de Milão, com ênfase em administração pública e instituições internacionais. Atua no terceiro setor, desenvolvendo projetos sociais e culturais.
- ANTONIO CARLOS MAZZEO é professor do Departamento de História da FFLCH-USP e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP. É autor, entre outros livros, de *Estado e burguesia no Brasil* (Boitempo, 2015).
- CARLOS EDUARDO MARTINS é professor do Departamento de Ciência Política da UFRJ e coordenador do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC-UFRJ) e do Grupo de Integração e União Sul-Americana do Clacso. É autor de *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina* (2011) e colaborador do blog da Boitempo
- CELSO FREDERICO, sociólogo e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é autor de, entre outros livros, *Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX* (Cortez, 2006).
- DEMÉTRIO CHEROBINI é licenciado em educação especial e bacharel em ciências sociais pela Universidade Federal de Santa Maria e mestre e doutor em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como professor municipal em Santa Maria-RS.
- FABIO MASCARO QUERIDO é doutor em sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp) e autor de *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade* (Boitempo, 2016).
- FLÁVIO AGUIAR é poeta, escritor, tradutor, professor de literatura brasileira e correspondente da *Carta Maior* e da *Revista do Brasil* em Berlim. É autor de vasta obra, incluindo, pela Boitempo, *Anita* (2009) e *A Bíblia segundo Beliel* (2012).

FRANCISCO KLINGER CARVALHO é artista plástico e escultor multimídia. Formado em educação artística pela Universidade Federal do Pará, realizou seus estudos de pós-graduação na Kunstakademie Düsseldorf, na Alemanha. Seu trabalho pode ser conhecido no documentário *Caminhos das artes* (dir. Sônia Freitas, 2003).

GRAZIELA NACLÉRIO FORTE é pós-doutoranda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Marília-SP) e autora da tese *Carlos Prado: trajetória de um modernista aristocrata*.

JONATHAN ERIK VON ERKERT é doutorando em filosofia e teoria geral do direito na Faculdade de Direito da USP, diretor do Instituto Luiz Gama em São Paulo e professor universitário.

KIM WILHEIM DORIA é mestrando em história, teoria e crítica pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da USP.

LEANDRO GALASTRI é professor de ciência política da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Marília-SP) e editor do blog *marxismo21*. É autor de *Gramsci, marxismo e revisionismo* (Autores Associados, 2015).

LEON TROTSKI (1879-1940) foi líder da Revolução de Outubro, ao lado de Lenin. Criador e comandante do Exército Vermelho, fundou a Quarta Internacional, em 1938. Morreu no México, assassinado a mando de Stalin.

LUÍZ BERNARDO PERICÁS é historiador e professor de história contemporânea na FFLCH-USP. Autor de, entre outros, *Caio Prado Júnior: uma biografia política* (Boitempo, 2016) e co-organizador de *Intérpretes do Brasil* (Boitempo, 2014).

LUÍZ ISMAEL PEREIRA, doutorando e mestre em direito político e direito econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é consultor jurídico do Instituto Luiz Gama.

MICHAEL LÖWY é pesquisador no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França. É autor de *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2005), *Revoluções* (2009), *A jaula de aço* (2014) e *Revolta e melancolia* (2015), publicados pela Boitempo.

MILTON PINHEIRO é professor do Programa de Pós-Graduação de História, Cultura e Práticas Sociais da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e autor/organizador de vários livros, incluindo *Ditadura: o que resta da transição* (São Paulo, Boitempo, 2014).

OSVALDO COGGIOLA é historiador, professor de história contemporânea na USP e autor, entre outros livros, de *Introdução à teoria econômica marxista* (Boitempo, 1998).

PAULO DOUGLAS BARSOTTI é professor da Fundação Getúlio Vargas (SP). Organizou, com Luiz Bernardo Pericás, os livros *América Latina: história, ideias e revolução* e *América Latina: história, crise e movimento*, publicados pela Xamã.

PEDRO EDUARDO ZINI DAVOGLIO é doutorando em filosofia e teoria geral do direito pela Faculdade de Direito da USP e membro do Grupo de Estudos Permanente de Direito, Estado e Racismo do Mackenzie e do Grupo de Estudos Althusserianos do IFCH da Unicamp.

ROBERTO MASSARI é sociólogo, escritor e editor italiano. Além da casa editorial que leva seu nome, dirige também a Fondazione Internazionale Ernesto Che Guevara e a associação política internacional Utopia Rossa, que ajudou a fundar.

SERGIO ROMAGNOLO é artista plástico, professor do Instituto de Artes da Unesp e autor de *Sergio Romagnolo* (Martins Fontes, 2011).

SILVIA LETÍCIA MARQUES é mestre em educação pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *Iseb: a dimensão pedagógica da ação ideológica de uma instituição cultural do período 1955 a 1964*, e atua como consultora em educação.

WLADIMIR POMAR é jornalista e escritor.

Apresentação

Esta edição de *Margem Esquerda* entra em gráfica no dia em que a democracia brasileira sofre um duro ataque: com a admissão pelo Senado do “processo de *impeachment*”, a presidenta eleita Dilma Rousseff é afastada do poder, num golpe orquestrado em conluio do Judiciário com os setores mais atrasados do Parlamento, do oligopólio midiático e do grande capital.

Após meses de uma tragédia anunciada, tem início um governo ilegítimo que põe fim à política de Estado de direitos, num temerário retrocesso, encabeçado pelo vice Michel Temer, pelo presidente cassado da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, e pelo partido derrotado nas últimas eleições, o PSDB.

Dilma, Lula, o PT, a ditadura de 1964 e o Brasil são temas também da entrevista deste número, realizada por Luiz Bernardo Pericás e Paulo Douglas Barsotti com o economista Paul Singer, que fala ainda de seus recentes estudos sobre a economia solidária, suas parcerias intelectuais e as atuais circunstâncias de Cuba, Israel e Palestina.

Sobre a crise que se arrasta desde 2014, Carlos Eduardo Martins analisa o fim da hegemonia petista, o golpe de Estado que agora se concretiza e o futuro da soberania popular no capitalismo brasileiro no artigo “Fim da Nova República?”. Ainda na seção Artigos, Leandro Galastri apresenta um aspecto pouco debatido das críticas de Bernstein ao marxismo, isto é, aquelas dirigidas ao método dialético e sua defesa de uma “volta a Kant”, enquanto Demétrio Cherobini se debruça sobre a questão do poder em István Mészáros, para quem o Estado “não é de forma alguma neutro, e sim um elemento determinado pelo sistema social ao qual está visceralmente ligado: o sistema do capital”. Na sequência, Celso Frederico discorre sobre o pensamento moderno e sua tendência de desmaterialização do real, inaugurada no estruturalismo linguístico. Fechando a seção, Michael Löwy recupera a crítica à democracia burguesa feita por Rosa Luxemburgo.

O dossiê deste número enfrenta assunto dos mais graves: a crescente xenofobia e o preconceito contra imigrantes e refugiados, vítimas do terrorismo e do extremismo violento. O deslocamento forçado de milhões de pessoas ao redor do globo e a sucessão de violências e humilhações a que são submetidos cotidianamente reforça a necessidade de se discutir a responsabilidade dos países centrais em relação a esses desastres. Os textos são de Osvaldo Coggiola, que analisa a formação do Estado Islâmico e sua atuação desde então; Ana Luisa Zago de Moraes, discorrendo sobre mobilidade humana nesta era de guerra

ao terror, “sob o prisma do pensamento desocidentalizador e descolonizador correspondente às epistemologias do Sul”; e Roberto Massari, para quem o terrorismo revela-se como espetáculo de massa. E é fruto do preconceito vivido na pele o poema “Exílio”, do imigrante curdo Abdulla Pashew, belamente traduzido e apresentado por nosso editor de poesia, Flávio Wolf Aguiar.

Seguindo a toada, nossa seção de Clássicos traz uma interpretação marxista de Leon Trotski acerca do conceito de terrorismo. Já na seção Memória, Wladimir Pomar nos traz a triste lembrança do Massacre da Lapa, um dos mais brutais episódios produzidos pela ditadura militar.

“Uma radiografia marxista do Estado e do direito” é o título da resenha feita por Luiz Ismael Pereira e Jonathan Erik von Erkert, sobre o livro de Camilo Caldas, *A teoria da derivação do Estado e do direito*. As notas de leitura deste número são assinadas por Milton Pinheiro, Kim Wilhelm Doria e Pedro Eduardo Zini Davoglio.

O artista da vez é o escultor e desenhista paraense radicado na Alemanha Francisco Klinger de Carvalho. As imagens foram escolhidas pelo artista plástico Sergio Romagnolo, para quem “a obra de Klinger nasce na reutilização de objetos do cotidiano, o que Marcel Duchamp inaugurou em 1913 e chamou de *ready-made*, no intuito de criar alegorias abertas e poéticas. Como existem há mais de cem anos, os *ready-made* se tornaram muito pessoais e, no caso de Klinger, têm uma dose autobiográfica: os barcos que utiliza são, em certo sentido, uma referência à sua cidade natal, Óbidos (PA), enquanto as grades feitas inicialmente de galhos e depois de ferro se relacionem com sua vivência em Düsseldorf, na Alemanha, e depois em Bogotá, na Colômbia. Sua atividade artística se impregnou de uma visão de viajante e de imigrante: pôde ver e interpretar o que os artistas nativos talvez não pudessem enxergar. Num misto de brincadeira e mágica, feito a criança que faz a pedra flutuar pela superfície do lago, suas obras revelam um lado nostálgico e singelo”.

Morto em fevereiro deste ano, o escritor italiano Umberto Eco tem sua vasta obra rememorada na seção Homenagem, pelas mãos de Antonio Carlos Mazzeo. Também relembremos e homenageamos aqui os cem anos do falecimento de Jack London, jornalista combatente, escritor e ativista.

O Brasil vive o fim de um pacto interclasses, estabelecido em 2002. Suas bases se assentaram na possibilidade de uma força política de origem popular chegar ao poder, em aliança com frações da burguesia. O pacto estabelecia ser possível fazer tudo, desde que não se mexesse em nada que tocasse os interesses seculares das classes privilegiadas. Esse rompimento chega a colocar em xeque a própria Constituição de 1988 e suas conquistas, obtidas após a dura luta da maioria da sociedade brasileira contra a ditadura. Joga-se a sorte da democracia não apenas em nosso país. Está em disputa algo crucial: se quem define o futuro é o povo ou os donos do dinheiro.

Margem Esquerda, obviamente, se alinha na primeira trincheira.

Ivana Jinkings

Paul Singer*

O entusiasmo de Paul Singer é notável quando o tema é a *economia solidária*. O movimento cooperativista que se espalha e se desenvolve por todos os cantos do planeta é o objeto central de suas pesquisas e de sua prática militante há mais de uma década. É a sua aposta para o presente e para um futuro socialista, como se observa em *Introdução à economia solidária* (Fundação Perseu Abramo, 2003), obra em que considera o movimento como um novo regime que se desenvolve no interior do capitalismo.

A prudência e a clareza se manifestam quando o assunto é o complexo e trágico momento por que passa nossa triste república. No centro de seu diagnóstico, está o que chama de *greve dos investidores*, há muito tempo em curso no país.

O que é constante em todos os temas tratados nesta entrevista, concedida sob o impacto do *day after* da condução coercitiva de Lula determinada pelo *capo* da “república de Curitiba” (o juiz de primeira instância Sérgio Moro), é a sua autenticidade.

Paul Israel Singer, cidadão brasileiro naturalizado, nascido na Áustria em 1932, chegou a São Paulo em 1940, ao lado de tantos outros judeus fugidos das perseguições nazistas.

Seu envolvimento com a política começa aos dezesseis anos, no movimento kibutziano de São Paulo, onde foi secretário. Após

* Esta entrevista, realizada em São Paulo no dia 5 de março de 2016, contou com a transcrição e o apoio técnico de Sílvia Letícia Marques. (N. E.)

formar-se em eletrotécnica pela Escola Técnica Getúlio Vargas (1951), exerce a profissão por cinco anos, período em que inicia sua militância sindical. Como filiado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, participa ativamente da Greve dos 300 mil (1953) que contou também com outras categorias, como gráficos, vidraceiros, tecelões e marceneiros. Foi membro da Comissão de Salários do comitê grevista, que escreveu uma das páginas mais significativas da história do movimento sindical brasileiro.

Após essa experiência profissional e política, sua vida muda de curso. Ingressa na Universidade de São Paulo, onde irá se formar em economia, e no Partido Socialista Brasileiro (PSB), na companhia de intelectuais como Antonio Candido, José Honório Rodrigues e Sergio Buarque de Holanda, entre outros.

Torna-se professor da FEA-USP em 1960 e, no ano seguinte, participa da criação da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (OMR-Polop), fruto da fusão de dissidentes da ala esquerda do PSB e militantes trotskistas e luxemburguistas que se opunham à política do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que até então detinha a hegemonia da esquerda no Brasil.

Sob a orientação de Florestan Fernandes, sua tese de doutorado, de 1966, é publicada em 1969 com o título *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*, pela Editora Nacional. Em seguida, vai para a Universidade de Princeton (EUA), onde realiza estudos sobre demografia (1966-1967) e, ao retornar ao Brasil, torna-se professor-titular na USP, apresentando como tese de livre-docência *Dinâmica populacional e desenvolvimento* (1968).

Com o golpe civil-militar de 1964, sofre perseguições que culminam, em 1968, na cassação de seus direitos políticos, sendo submetido à aposentadoria compulsória.

A nova frente de luta de combate ideológico à ditadura passa a ser o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), fundado em 1969 por professores da USP que, assim como Paul Singer, haviam sido cassados. Nesse período, produz seus textos mais substanciais de crítica à política econômica da ditadura, publicados nos *Cadernos Cebrap*, na *Debate e Crítica* e no semanário *Opinião*, que são mais tarde agrupados no livro *A crise do Milagre: interpretação crítica da economia brasileira* (Paz e Terra, 1976). Singer só voltará a lecionar entre 1979-1983, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), à época orientada por uma política generosa de acolhida a professores perseguidos e cassados pela ditadura.

Em 1980, em meio à retomada das lutas sociais, participa da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Integra a equipe de Luiza Erundida na prefeitura de São Paulo como secretário de planejamento (1989-1992), encerrando sua atuação no Cebrap.

Participa, em 1998, da criação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP e desde então vem se dedicando quase que exclusivamente à economia solidária e ao cooperativismo. Desde 2003 atua na Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) do Ministério do Trabalho, conjugando mais uma vez militância política e trabalho intelectual.

O PT, Lula e o governo Dilma

Margem Esquerda – Professor, nosso assunto não poderia ser outro: a crise generalizada que vivemos hoje no Brasil, em especial a econômica e a política. Em suas últimas entrevistas, em relação à crise econômica, o senhor coloca que o que está no centro é a existência de uma greve dos investidores. Essa seria a razão do fracasso do governo Dilma? Quando essa greve dos investidores começou? Antes ou depois das últimas eleições presidenciais?

Paul Singer – Tenho a impressão de que foi antes, já na primeira eleição da Dilma. O fato é que a gente sabe que a economia deixou de crescer. No governo Lula, a economia brasileira cresceu ao redor de 5% ao ano, o que é relativamente pouco olhando a história brasileira. Deixe-me contar do começo, porque aí tem uma história. É o neoliberalismo, coisa criada recentemente, e em função disso eu chamei de greve dos investidores. O fato de o PT ter vencido as eleições presidenciais chocou imensamente os investidores, que são todos especuladores. Você pode acompanhar o sentimento deles pelo movimento da bolsa. Se o dólar sobe, é sinal de que eles perderam totalmente a confiança na economia brasileira; aí vão trocando reais por dólares, com a suposição de que o dólar vai ficar mais alto. O valor das moedas é resultado de pura especulação sobre o futuro de cada uma das nações que as emitem.

ME – Quando o senhor fala de greve dos investidores, está se referindo mais ao capital industrial ou ao capital financeiro?

PS – Acho que nem um nem outro. Na verdade, me refiro aos dois. Os especuladores estão em tudo: na agricultura, na indústria, no comércio, onde você quiser. A classe capitalista vive ao redor da bolsa de valores, o capitalismo recente é assim no mundo inteiro, não só no Brasil. Então eles usam seu dinheiro para apostar; também investem, erram de vez em quando.

Toda classe capitalista é especuladora financeira, não dá para falar de um único ramo exclusivo. O conjunto dos capitalistas de todos os ramos tem de apostar. Eles não têm outra opção, têm o dinheiro e aplicam no jogo. Nos anos 1970 houve várias crises do capitalismo, ninguém mais lembra direito. Mas, principalmente, o que aconteceu nos anos 1970 foi a crise do petróleo. Os países exportadores de petróleo tentaram boicotar os Estados Unidos, por causa da guerra entre judeus e palestinos. O efeito econômico foi fulminante. Por causa do boicote, o preço do petróleo quintuplicou várias vezes, a primeira vez em 1974, depois em 1979. E o capitalismo passou por um processo pequeno nos anos 1970 de lucros em queda. Isso é uma das coisas que a burguesia não aguenta, ela tem dívidas; fizeram investimentos, não ganharam dinheiro e não podem nem pagar para o banco. Daí essa ideia hoje, que é muito forte na esquerda, de que o capitalismo virou capital financeiro: ele não é nem sequer o capitalismo que sempre foi. O que fica evidente é que o banco hoje tem uma importância, maior do que a que tinha no passado, e eles estão levando na cabeça, porque seus clientes não conseguem pagar. Estão falando o tempo todo de crise mundial, do que eu discordo. O que há é uma crise na Europa, e não mundial; não é a Europa inteira, mas de vários países que seguem a política que a Dilma está fazendo no Brasil. É o que a Grécia está fazendo e, apesar dos pesares, eles ganharam as eleições no referendo, e ainda assim não conseguiram mudar a política por causa dos bancos: eles são devedores dos grandes bancos franceses, alemães etc. Só para terminar, Portugal, Itália, França, todos esses países estão em situação igual ou pior que a nossa.

ME – Com relação à crise política atual, alguns falam de uma “crise de representatividade política”, que afeta os partidos políticos, da forma como se desenvolveram no século XX (em relação aos partidos operários, da social-democracia e comunistas, por exemplo, alguns faliram e outros estão em profunda decadência). O PT apresentava uma proposta de democracia participativa. O que ocorreu desde então?

PS – Eu diria que a democracia participativa não foi um fracasso, tanto é que ela existe. A Constituição de 1988, sem dúvida, é a mais participativa que o Brasil já teve, desde D. Pedro I. Então não vejo fracasso na democracia participativa...

ME – Em outras entrevistas, o senhor havia dito que o PT pode perder sua base social...

PS – Acho que já perdeu (quando eu falei, ainda não havia perdido). Hoje, nessa situação de maior desemprego da história brasileira, onde quem é mais sacrificado é o povo, é o PT que está no governo.

ME – O PT em aliança com o PMDB...

PS – Eles fizeram essa aliança, e o PMDB rompeu rapidinho. Na verdade, não chegou a ser realmente uma aliança, foi mais um “toma lá, dá cá”. Com os acontecimentos recentes, isto é, a condução coercitiva de Lula e a sua ação e reação, parece que ele saiu das cordas. Saiu da posição mais recuada que se encontrava e, ao menos no discurso, parece que vai partir para a ofensiva. E considero significativo que quase automaticamente houve uma reação positiva em seu apoio, manifestações em vários lugares no Brasil, até mesmo uma vigília na casa dele... Inclusive, quando a polícia foi buscá-lo para fazer o depoimento obrigatório forçado, houve uma reação por parte da população, deu briga. Um amigo meu chegou a me perguntar se eu não iria reagir sobre essa questão do Lula, pois é uma afronta.

ME – O senhor acha que ele teria condições de reagrupar o PT?

PS – Acho que não, porque não há por que reagrupar o PT; o partido está dividido, é o que eu enxergo. O resultado é tão desastroso, do ponto de vista da economia popular, que eu deduzo que o PT já deve ter decepcionado seu público trabalhador... Mas é uma dedução, não tenho certeza.

ME – Na ausência de lideranças populares, o senhor não vê nenhuma possibilidade de Lula tentar reagrupar, refazer uma aliança, aproximar-se dos setores da esquerda, diante de uma possível ameaça de golpe, na medida em que Dilma não tem mais condições de governar e a oposição não apresenta nenhuma alternativa de governo. Então estamos diante de uma crise de hegemonia, o que é um prato cheio para tentativas de golpe.

PS – Neste momento, não vejo perspectivas de golpe...

ME – E se houver o impeachment da Dilma?

PS – Se houver o impeachment, as coisas dificilmente poderão piorar. Dilma nos traiu com a melhor das intenções; estava querendo ver se ganhava confiança exatamente dos investidores, sem os quais não há crescimento possível.

ME – O senhor acha que ela perdeu totalmente o apoio do PT?

PS – Está perdendo. O PT, inclusive, fez um documento de que eu gostei muito. Tem muito a ver com o que eu penso; eu não participei de nada, só vi depois. Estou feliz, já que a Dilma deu aquela reviravolta, foi eleita

Dilma nos traiu com a melhor das intenções; estava querendo ver se ganhava confiança dos investidores, sem os quais não há crescimento possível.

e, no dia seguinte, começou a aplicar o programa do Aécio, para ganhar confiança dos investidores. Começou a fazer o ajuste fiscal, que é a bandeira da extrema direita no mundo inteiro; toda a Europa está fazendo ajuste fiscal, e está uma porcaria, todos sabem, muito desemprego etc. etc. O Brasil imitou a Europa sem necessidade alguma. O PT foi o maior partido de esquerda no Brasil, não há a menor dúvida disso. Minha queixa com a Dilma é que ela deu essa reviravolta após as eleições sem ter dado explicação a ninguém. Porque, se deveria fazer o ajuste fiscal, ninguém sabia. Só se fosse para ganhar os investidores, só para isso serve. Só mais uma observação: quando o PT deu essa reviravolta para a direita, adotando a plataforma de quem ele havia vencido nas eleições, acabou vários meses desarvorado, não havia nenhuma reunião, não se discutia nada dentro do partido. Não havia chance de coisa alguma, ninguém sabia o que estava acontecendo. Mas o PT conseguiu sair dessa situação de aparelhamento, o que pessoalmente me deixa mais feliz. O partido tomou uma posição, principalmente exigindo de Dilma que cuide da crise e não do ajuste fiscal, só que ela não abandona essa posição de ganhar a confiança dos investidores, é a personalidade dela. Ela é uma economista, conhece economia a fundo. Por isso mesmo tenho dificuldade de entender por que ela insiste em uma política que é evidentemente um fracasso, fracasso enquanto ajuste fiscal. Ajuste, de acordo com o que meu amigo FHC mostrou, é o superávit: o governo gasta menos do que arrecada. Isso é receita para a crise. O governo brasileiro arrecada algo em torno de 37% sobre o PIB, isso é muito dinheiro. Se ele não gasta o que arrecada, é uma receita infalível de crise. Aí a indústria automobilística está mandando embora em massa, outras indústrias fazendo a mesma coisa... Não é possível que Dilma não esteja percebendo o que a política dela está fazendo.

ME – Qual é o papel dos movimentos sociais nessa situação? O MST, os movimentos urbanos, de mobilidade, que tipo de forças poderiam ter? Poderiam indicar alguma direção, seja para o governo Dilma, seja para as lutas populares, que certamente vão se intensificar daqui em diante?

PS – Bom, deixe eu dar minha análise. Acho que os movimentos sociais são importantíssimos hoje, no Brasil e também em outros países: o movimento de mulheres, dos negros, dos homossexuais... Nunca houve tantos movimentos relativamente bem organizados como hoje. Não é fogo de palha. Eles têm objetivos claros e definidos, que é, a meu ver, o que nos resta. Diria que há dois movimentos sociais grandes na esquerda, e que dão esperança de que a esquerda saia desse ponto morto: um é o MST e o outro é a CUT, ao menos em seu papel sindical junto à classe trabalhadora. O que quero dizer é que os movimentos sociais são extre-

mamente importantes, não só no Brasil. Para mim, os movimentos sociais são praticamente as mulheres e os jovens. Minha impressão é a de que a juventude do mundo inteiro tem uma sede enorme por democracia.

ME – O senhor acha que eles estão bem articulados entre si ou são setoriais?

PS – São setoriais. Considero que deveriam se articular, pois têm demandas comuns, como direitos humanos, mas não tenho notícia de que o façam.

ME – A CUT, nestes últimos anos, não esteve subordinada ao PT e ao governo?

PS – Tenho hoje uma impressão diferente: ela está forçando o PT a romper com Dilma...

ME – Mas antes a CUT tinha uma relação com o governo federal bastante forte...

PS – Você tem toda razão, principalmente com Lula, mas ele está mudando, está começando a romper com a Dilma. Não gosto disso, mas é melhor que nada.

ME – Na medida em que ele rompe com Dilma, se aproxima mais de setores como a CUT?

PS – Sim, e do MST também. O MST é um grande movimento. Eles são um dos nossos principais aliados.

ME – E o PSOL?

PS – Acho o PSOL uma boa influência sobre o PT.

Ditadura militar

ME – O senhor viveu o pré-1964. O clima era mais acirrado do que agora?

PS – Muito mais, não havia nenhuma Dilma em 1964. O principal porta-voz de Jango era Darcy Ribeiro. Darcy era provocador mesmo, ele anunciava o golpe antes mesmo de acontecer. A burguesia via os partidos comunistas como traidores, a quinta coluna da ditadura stalinista.

ME – Como o senhor via Luiz Carlos Prestes?

PS – Eu diria que Prestes era uma figura notável, mostrou talento militar, coragem etc. etc. Depois engoliu o stalinismo por inteiro. O stalinismo foi um produto das guerras; é bom lembrar que a revolução russa foi vitoriosa depois de três anos de guerra, das guerras mais violentas... Então o próprio Trotski se dizia leninista. O leninismo era o contrário de demo-

cracia. Lenin falava que, para construir o socialismo na União Soviética, todos teriam de se submeter à vontade de um – todos tinham de aceitar e obedecer. Lenin tinha essa vantagem: ele era franco.

ME – O senhor foi preso em 1974. Como foi essa experiência?

PS – Sim, fui preso na última fase da repressão da ditadura. Um amigo nosso que era professor da USP, na área de política, aceitou um convite para estudar, para passar algum tempo na Escócia, e, até ir para lá, resolveu mandar a si próprio pelos Correios um material que ele havia enterrado no jardim de sua casa, para não ser descoberto. Acontece que ele trabalhava no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e entregou o pacote para um *office boy* levar até uma agência dos Correios. O pacote, contudo, estava empapado de água, e os funcionários do correio acabaram abrindo e perceberam que era material “subversivo”. Resultado: fui preso. Mas não tinham ideia de quem era o responsável por aquilo no Cebrap. Aparentemente, havia sido eu e o Vinícius Caldeira Brant...

ME – Mas por que escolheram o senhor e não outros do Cebrap?

PS – Não sei. Quando fui preso e comecei a ser interrogado, perguntei por que aquilo estava acontecendo. Eles provavelmente não sabiam... E me ameaçavam dizendo: “É você que vai nos contar por que você foi preso”. Fiquei preso acho que duas ou três semanas, sofrendo ameaças de torturas que não chegaram a acontecer.

ME – Mas o Vinícius Caldeira Brant foi torturado...

PS – Sim, ele foi. Depois que a gente foi posto em liberdade, conversando no Cebrap, contando uns aos outros o que tinha acontecido, o Vinícius atribuía o fato de ter sido torturado a ter se mostrado arrogante. Ele dizia para eles: “Olha, vocês me torturaram meses a fio e eu não abri a boca. O que adianta? Agora o que vocês vão fazer?”. Aí eles torturavam de novo.

ME – Isso foi na Operação Bandeirante (Oban)?

PS – Sim, era na Oban. Levaram-me de casa até o quartel na rua Manoel da Nóbrega, sem dizer nada a não ser que eram do Exército. Eu também não estava disposto a resistir. Minha mulher tentou me visitar, levar livros e coisas assim, e foi muito maltratada. Ela falava: “Meu marido está aqui, eu queria levar essas coisas pra ele”. Então eles respondiam: “Qual é a patente dele?”. Faziam questão de dizer que ali só havia militares.

Cuba ontem e hoje

ME – A Revolução Cubana foi um marco para toda uma geração de intelectuais e militantes. Qual foi o impacto que ela provocou no senhor?

PS – Entusiasmo. Foi a primeira vez que vi acontecer uma revolução na América Latina. Golpes que derrubaram governos eram frequentes, mas nunca significaram uma transformação mais ampla. Cuba realmente me entusiasmou.

ME – O senhor acompanhou várias experiências socialistas ao longo do século XX, diferentes modelos econômicos do socialismo real, o do socialismo de mercado, a autogestão na Iugoslávia, o modelo cubano, que está se modificando bastante, e hoje o senhor aposta na economia solidária...

PS – Não quero ser pretensioso, mas algumas pessoas me disseram que Cuba agora está lutando por uma economia solidária. Estive em Cuba várias vezes e foi uma surpresa muito agradável. Cuba tem hoje uma lei que permite a qualquer agrupamento de trabalhadores montar uma cooperativa a partir de seu próprio trabalho, desde que aprovada pelo governo, o que demonstra que os trabalhadores são capazes de captar o próprio capital. Pelo que li, na maior parte das vezes essas iniciativas recebem o OK do ministro. Eu jantei em um restaurante cooperativo, que é bem típico do que está acontecendo. Essas novas cooperativas não agrícolas só existem em Cuba. As cooperativas sempre foram do regime, sempre apoiaram Fidel Castro e foram premiadas. Cheguei a ter reuniões com eles, só que agora Cuba está em um processo consciente de desestatização. Uma economia centralmente planejada, como a União Soviética teve e Cuba também, só tem sentido em época de guerra. Se se está em guerra é bom concentrar tudo com aquele objetivo, ou é derrota. No tempo de paz, é um fracasso. Houve um caso em Cuba onde havia um espaço para jovens dançarem, ouvirem música, namorarem, enfim se divertirem. Como qualquer estatal, o resultado era que a coisa andava às moscas. Então os empregados daquele espaço resolveram criar uma cooperativa, submeteram ao ministro, e agora está lotado de jovens; é um verdadeiro sucesso. E isso não é um caso isolado. Eu diria que é obvio que quando se criam monopólios em nome de um partido político o atendimento da população será sempre ruim, ainda que não seja proposital.

ME – Em Cuba, o senhor participou de reuniões, deu palestras?

PS – Sim, a convite da Universidade de Havana. Tive reuniões encantadoras, muito boas.

ME – *Isso em que ano?*

PS – Recentemente, nos últimos dois anos.

ME – *Durante o governo Raúl Castro, portanto. Sendo assim, o senhor faz parte dessa mudança com a entrada de Raúl.*

PS – Por incrível que pareça, sim. Eu não esperava que isso tivesse tanta influência, nas discussões que tive nas universidades, nas perguntas que me fizeram; mostraram que sabiam do que estávamos falando.

Os intelectuais

ME – *O professor Emir Sader mandou-lhe um abraço e duas perguntas: como evoluiu, na sua cabeça, a ideia de socialismo, desde os austro-marxistas, passando por Rosa Luxemburgo, até chegar à economia solidária? Ela seria, para o senhor, a alternativa socialista em escala mundial? E quais os autores que até hoje o senhor considera fundamentais para pensar o mundo?*

PS – Dificil responder a uma questão tão boa em poucas linhas. O que posso dizer é que o que há em comum entre o pensamento dos austro-marxistas e o meu é apenas a história e a geografia: nasci e fui criado na Áustria, mas só me envolvi em política, desde muito cedo, no Brasil. Sobre Rosa Luxemburgo, a relação é o futuro do cooperativismo, discutido profundamente por ela e por Bernstein. Mas, diferentemente deles, entendo que as cooperativas têm todas as condições de constituir uma economia socialista, já que elas são autônomas e democráticas. E isso tem tudo a ver com economia solidária. Sem dúvida, Rosa Luxemburgo é uma autora que considero fundamental para pensar o mundo; também o subcomandante zapatista Marcos, pelo tipo de homem que era, sempre modesto. Eu diria que é um bom exemplo do revolucionário de que a gente precisa. É preciso deixar claro que Marcos, pelo que sei, não é um autor, apenas um líder político militar. Então o que importa aqui é seu exemplo. Algo que admiro muito no movimento zapatista é o fato de não se levarem a sério demais e serem integralmente democráticos. Além disso, realizam um trabalho importante junto às comunidades indígenas e promovem a emancipação feminina. Daí a relação com a economia solidária.

ME – *O Brasil teve grandes pensadores, intelectuais com uma visão de país e de “nação”, intérpretes sofisticados de nossa realidade, homens como Darcy Ribeiro, Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado, Florestan Fernandes. No Brasil de hoje, há algum político ou intelectual que seja um exemplo de seriedade, de trabalho, alguém que o senhor admire?*

PS – Há uma porção de gente boa na esquerda brasileira. Eu tenho a percepção hoje de que o mundo aspira por mais liberdade, mais democracia, e os porta-vozes são os jovens, a nova geração que vem aí poderá fazer melhor que nós. Embora não sejam brasileiros, duas figuras que considero inspiradoras são Rosa Luxemburgo e o Papa Francisco.

ME – *Na linha do que Emir perguntou, sobre as suas influências, Ignácio Rangel e Celso Furtado seriam dois nomes importantes? Você podia falar um pouco da relação intelectual e de amizade entre vocês?*

PS – Os dois eram amigos meus, especialmente o Celso Furtado. O filho dele, que também é economista, foi trabalhar no Cebrap, tornou-se um discípulo meu, trabalhamos juntos. Fui convidado para dar aulas na PUC-SP e o Celso também ministrava aulas no curso de pós-graduação. Aí, nos encontramos, cumprimentamos e lembro que ele se queixou amargamente dos paulistas – achava que os paulistas eram muito orgulhosos; ele era paraibano, mas vivia mais no Rio.

ME – *E como foi o seu encontro com o Florestan Fernandes?*

PS – Florestan tinha um centro de estudos do trabalho e, como sociólogo, ficou interessado em entender o processo de diferenciação das cidades brasileiras, tanto as mais ricas, como São Paulo, como outras, muito mais pobres. Ele queria deixar de lado os aspectos econômicos, queria focar os aspectos sociológicos, sociais etc. Aí falou para seus assistentes que estava procurando um economista, e eles me indicaram. Ele me convidou, e eu aceitei como trabalho profissional. Fiz uns estudos de Porto Alegre, de Blumenau, de Recife e de Belo Horizonte, levantei histórias nessas cidades, o que foi fácil fazer porque geralmente os que tomam conta dos documentos se sentem honrados quando são procurados por um intelectual. Foram cinco relatórios. Quando entreguei o último, que era sobre São Paulo, ele disse que aquele poderia dar uma tese. E assim ele se tornou meu orientador do doutorado.

ME – *Quando surgiu, o PT contou com o senhor, com Mario Pedrosa, Francisco Weffort, Plínio de Arruda Sampaio e Chico de Oliveira, entre outros. Como era o convívio entre esses intelectuais nos primeiros anos na construção do partido?*

PS – As coisas giravam bastante em volta do Cebrap, especialmente com Chico de Oliveira, já que éramos colegas de trabalho. De todo modo, todos eram intelectuais influentes no desenvolvimento do PT como polo político dos movimentos sociais de esquerda no Brasil. É importante incluir no grupo Maria da Conceição Tavares, devido a sua atuação como economista e militante de esquerda.

ME – O Cebrap forneceu quadros intelectuais tanto para a formação do PT quanto para a do PSDB (José Serra, FHC, Bresser-Pereira, Weffort). O Centro foi, usando a expressão do Caio Navarro de Toledo, a “fábrica de ideologias” dos anos 1970.

*PS – Sei que nós desenvolvemos fortes laços de amizade; Fernando Henrique até hoje é meu amigo, por mais que divirja – não tenho discutido política com ele para não brigar. O que posso recordar de muito significativo foi o estudo de *O capital*, de Marx, na USP. O professor Gianotti foi o pai dessa ideia; ele havia passado alguns anos na França, voltou com sotaque francês... Eu o conheci nessa ocasião. E ele veio com a ideia de que *O capital* não é um livro só sobre economia, é muito mais do que isso. E que deveria ser estudado por pessoas de diferentes áreas.*

ME – Vocês chegaram a debater o Althusser nessa época?

PS – Não. Quem poderia debater o Althusser seria somente o professor José Arthur Gianotti.

ME – Como era o trânsito dos intelectuais na formação do PT com o Lula e os sindicalistas?

PS – Era intenso e agradável; lembro-me de dar seminários para os sindicalistas, ao lado de Marilena Chauí. Coincidiávamos, em linhas gerais, sobre o entendimento do socialismo.

ME – Um pouco antes desse período, como foi sua relação com Caio Prado Jr.? Ele era mais velho, mas como vocês se conheceram e que tipo de influência os livros dele tiveram sobre o senhor?

*PS – Uma influência enorme. Realmente me tornei fã de Caio Prado por causa do livro *História econômica do Brasil*. Celso Furtado também foi outro intelectual que me influenciou muito. Ignácio Rangel também foi uma figura que também me influenciou, desenvolvemos relações bastante amistosas.*

ME – Mas o senhor chegou a frequentar a casa de Caio?

PS – Lembro-me de conversas... Em uma dessas ele desabafou, demonstrando profunda decepção com Celso Furtado, que em seu livro não citou o Caio.

ME – Você foi amigo de Maurício Tragtenberg?

PS – Fomos amigos na adolescência, eu era secretário do movimento kibutziano.

ME – Como o senhor vê Moniz Bandeira e sua obra? Vocês estavam juntos na Polop, nos anos 1960.

PS – Com o Moniz Bandeira tive pouco contato, primeiramente porque ele vivia no Rio de Janeiro e eu aqui em São Paulo. Não há muito a acrescentar, exceto o fato de que tenho grande admiração pelo trabalho do jornalista.

Economia solidária

ME – *Qual é o balanço que o senhor faz a respeito da economia solidária?*

PS – Quando nós começamos com os estudos acerca da economia solidária, fui literalmente convidado para o mundo todo: aceitei convites para falar na África, na Ásia, na América Latina praticamente toda. Uma das grandes alternativas da esquerda mundial é a economia solidária, que hoje é um movimento mundial.

ME – *A ideia de economia solidária remete bastante a uma série de movimentos dos tempos da Primeira Internacional. Naquele rico movimento do socialismo do século XIX temos a alternativa de Marx e Engels pela ação política, do Proudhon pelo mutualismo...*

PS – Quem eu andei lendo desse período e que vejo como meu antecessor é Robert Owen (1771-1858). Ele é simplesmente o inventor do socialismo, do cooperativismo, que depois se transformou numa doutrina.

ME – *Hoje em dia, do ponto de vista do capital, se fala muito em empreendedorismo; isso dentro de uma lógica do capital. A economia solidária é algo como o processo do desenvolvimento do socialismo que não é mais tomada de assalto do poder político, mas pelo movimento na economia... É isso?*

PS – As cooperativas já configuram um novo regime. Elas configuram o socialismo, em primeiro lugar, porque os donos da cooperativa sempre são aqueles que nela trabalham e não têm patrão, ou seja, ninguém manda em ninguém. A essência do socialismo é esta: total democracia e igualdade entre todos. Além disso, a realidade das cooperativas mostra que é possível uma organização de trabalhadores em que os valores do socialismo são integralmente praticados.

ME – *É um regime que está se dando dentro do próprio capitalismo? Como está o movimento cooperativista no Brasil?*

PS – Muito vigoroso.

As cooperativas mostram que é possível uma organização de trabalhadores em que os valores do socialismo são integralmente praticados.

ME – Em termos numéricos, só para termos uma ideia...

PS – Vou dizer os números do mapeamento da economia solidária da minha secretaria: no Brasil, na ordem de 30 mil.

ME – Mais no Sul, Nordeste, Sudeste?

PS – Mais no Nordeste, e mais no campo. A maior parte das cooperativas brasileiras é de camponeses; portanto, o MST é economia solidária. Levou um tempo para perceberem que são.

ME – E o caso da Iugoslávia de Tito, como você entende?

PS – É um caso muito interessante. Eu andei lendo por causa da economia solidária, fui ler em detalhe. Embora estivesse sob um regime ditatorial, a organização de trabalho era uma coisa muito democrática. As cooperativas que lá foram generalizadas estavam em grande medida submetidas ao poder local, tinham de aceitar as injunções do poder local.

ME – Onde você destacaria o papel da economia solidária?

PS – Não sei se vocês sabiam, mas a Argentina era o país mais rico do mundo. A Argentina é europeia, não vou dizer que é latino-americana; eles têm uma cultura europeia, é um país culto. Estou falando isso, pois tenho um contato muito estreito tanto com a Argentina quanto com Cuba, por causa da economia solidária. Na Argentina há grandes intelectuais que tratam do assunto. Um em particular, que é muito amigo meu, chama-se José Luis Coraggio, tem vários livros escritos e é meu companheiro na economia solidária. Vale a pena ler os livros dele. Ele foi reitor da Universidade José Sarmiento, que fica na periferia de Buenos Aires. Mas também é possível encontrar exemplos na África do Norte, e eu diria que o movimento é bastante vigoroso na Ásia, onde fica a coordenação mundial do movimento. A economia solidária tem organizações mundiais, a sede é nas Filipinas. Fiquei algumas semanas lá e encontrei muita gente atuante em relação à economia solidária.

ME – O movimento cooperativista tem várias linhas...

PS – Creio que sim, é um movimento grande. Mas como é descentralizado, não dispomos de informações sobre que linhas seriam essas.

Israel e Palestina

ME – Como o senhor vê Israel ontem e hoje, não só nas relações sociais dentro do Estado de Israel, mas naquelas mais amplas com os palestinos?

PS – Fui membro do movimento juvenil que visava os *kibutzim*. Meus companheiros, inclusive brasileiros, criaram movimentos kibutziano que estão aí até hoje. Pelo que sei, está acontecendo com esse movimento a mesma coisa que está acontecendo no Brasil. Eles estão se adaptando ao capitalismo, por questões econômicas, e não ideológicas, muito parecido com a Dilma. Mas continuam coletivistas e muito democráticos.

ME – *Agora a questão da democracia com relação aos palestinos. Percebe-se uma crise da democracia, e a impressão que se tem é a de que está havendo um retrocesso. Há uma ofensiva dos setores mais conservadores. Encontram-se na Turquia, em Israel ou nos Estados Unidos, por exemplo, figuras como Trump. Também na América Latina, na Argentina, na Venezuela, em vários países...*

PS – Israel é um desses casos de retrocesso. No caso específico de Israel, é uma nova geração, de fanáticos religiosos que dizem “Os palestinos são todos fanáticos, e Deus nos prometeu essa terra, ela é nossa, não vamos abrir mão de um centímetro sequer”. Considero que a decisão da ONU, por ocasião da criação do Estado de Israel, deveria ser cumprida, ou seja, sou a favor de que a nação muçulmana tenha direito à metade do território que lhe cabe.